

PIO LOURENÇO CORRÊA: *Monografia da palavra Araraquara*. 4a. edição. 76 págs. São Paulo, 1952.

Discutindo as várias acepções possíveis do topônimo em tupi, o autor, à luz de argumentos filológicos, históricos e geográficos, conclui "que a aglutinação *araraquara*, empregada como toponímico, nada tem que ver com as aves araras" (pág. 1), como quer a opinião corrente, mas que o seu sentido é "literalmente traduzido, *buraco da luz nascente*, ou *buraco da aurora*" (pág. 21). Proveniente do linguajar de grupos indígenas estabelecidos perto do Rio Tietê, a oeste da Serra de Araraquara, designaria a região oriental com referência àquela via de penetração usada pelos desbravadores do interior paulista.

Renato Jardim Moreira

L. DE CASTRO FARIA: "Pesquisas de antropologia física no Brasil". *Boletim do Museu Nacional*, Nova Série. Antropologia. N.º 13. 106 págs. Rio de Janeiro, 20 de abril de 1952.

É estudo histórico-bibliográfico de utilidade para quem precise orientar-se, com segurança e visão crítica, sobre o desenvolvimento das pesquisas de antropologia física no Brasil, desde as origens, por volta de 1860, até a época atual. Na apreciação dos trabalhos, o autor revela esforço honesto de precisar em que consiste o valor das contribuições por ele discutidas. É talvez o mérito principal do trabalho. Nesta resenha vamos resumir alguns dos dados mais importantes.

Castro Faria estabelece três períodos, o de "construção" (1860-1910), o de "renovação" (1910-1923) e o de "estabilidade" (1930-1950). Em todos eles se destaca a contribuição do Museu Nacional, que foi pioneiro na pesquisa como no ensino da Antropologia física no país. O primeiro curso foi aí ministrado por João Batista de Lacerda em 1877. E. Roquette Pinto, nomeado substituto em 1912, veio ocupar o cargo de professor em 1926. Seu sucessor foi Bastos d'Ávila, que realizou cursos em 1932 e, depois, de 1934 a 1938.

No primeiro período, limitado quase à craniometria dos aborígenes, destacam-se os trabalhos de João Batista de Lacerda. Nas "Contribuições para o estudo antropológico das raças indígenas do Brasil", baseadas principalmente no exame de seis crânios de Botocudos, escritas em colaboração com Rodrigues Peixoto e publicadas no 1.º volume dos Arquivos do Museu Nacional (1876), chega, entre outras, à conclusão de ter sido dolicocefala a raça primitiva do Brasil, de haver nos índios atuais mistura de dois tipos diferentes e de que os Botocudos se aproximam da raça primitiva. Lacerda é autor de famoso estudo sobre "o homem dos sambaquis" (1885).

No segundo período, em que a craniologia cede lugar à somatologia, estudam-se também outros tipos humanos ao lado do indígena. É grande a influência de Edgard Roquette Pinto (Museu Nacional) no desenvolvimento dos trabalhos de investigação. Depois de realizar pesquisas pessoais no litoral riograndense e entre os índios da Serra do Norte, apresenta síntese da antropologia física do índio brasileiro, sobre base dos estudos de Ehrenreich (1912). Mais tarde (1928, 1929), apresenta classificação dos tipos humanos da população brasileira, considerando elementos antropométricos e antroposcópicos. Determina quatro grupos, leucodermo, faiodermo, xantodermo e melanodermo.

Fróis da Fonseca, o elaborador da ficha antropométrica em uso no Museu Nacional, realizou pesquisas de interesse para a anatomia comparada das raças. Apresentou também várias inovações em técnicas de pesquisa.

Na Faculdade de Medicina de São Paulo, Alfonso Bovero, anatomista de Turim, foi o iniciador, no Brasil, das pesquisas sobre antropologia das partes moles. Deu o primeiro impulso para o desenvolvimento dos estudos de anatomia racial em São Paulo, onde trabalhou durante 23 anos.

São desse período também as contribuições de Ricardo Krone, Hermann von Ihering e Roberto Hinrichsen sobre a craniologia dos índios.